

Luiz Carlos Pôrto\*

## Uma nova economia da natureza

Ela reafirma que a melhor decisão ambiental é a melhor decisão econômica

O modelo usual de gerenciamento ambiental insiste na luta entre crescimento econômico e conservação do ambiente, como se esses dois objetivos fossem excludentes. Contudo, com a percepção do equilíbrio natural existente na Terra e a constatação dos danos globais da poluição, fica claro, hoje, que a única maneira de obtermos um crescimento econômico sustentável é a partir da conservação ambiental. A proteção do ambiente passou a ter uma justificativa econômica inquestionável. Não se trata mais de consciência ambiental ou de filantropia. O investimento em meio ambiente abre oportunidades de ganhos econômicos reais. É o que está sendo chamado de nova economia da natureza.

Para aceitar esse novo paradigma é preciso que duas questões fundamentais sejam compreendidas: a internalização dos custos ambientais e a contabilização dos serviços naturais.

O sistema contábil atual é falho ao não incluir nos custos de produção os custos da degradação ambiental, que são impostos a toda a sociedade. Todavia, quem analisar com critério a evolução da legislação ambiental e o forte posicionamento da sociedade contra a poluição perceberá que está em curso um processo de internalização

dos custos ambientais. As leis que responsabilizam o produtor pela destinação adequada das embalagens; a responsabilidade administrativa, civil e criminal do gerador do resíduo nos acidentes ambientais; e os danos à imagem corporativa nos casos de contaminação do ambiente. Tudo isso vem fazendo com que custos que antes eram socializados entrem na contabilidade das empresas.

Também passamos a perceber os serviços que a natureza realiza. Ela recicla os nutrientes mantendo o solo fértil indefinidamente, purifica a água, fornece oxigênio a mais de seis bilhões de pessoas no Planeta e recicla o carbono, de modo que tenhamos uma atmosfera capaz de manter uma temperatura adequada à vida. Se a degradação ambiental comprometer a qualidade desses serviços, teremos que obtê-los de outra forma (se for possível), a um custo altíssimo. Vários exemplos comprovam isso.

O aquecimento global, causado basicamente pelo uso de combustíveis fósseis, vem alterando o clima da Terra e trazendo uma intensificação das enchentes, furacões, etc. Segundo

a ONU, na década de 90 o custo dos desastres naturais foi de cerca de US\$ 850 bilhões. A destruição dos ecossistemas vem prejudicando a qualidade da água e elevando significativamente o custo do tratamento necessário para atingir os padrões de potabilidade. As práticas agrícolas

atuais reduzem a fertilidade do solo, elevando o custo com fertilizantes químicos e agrotóxicos.

Esse panorama nos mostra que é preciso refletir.

Qual a melhor decisão econômica: conservar a natureza ou destruí-la? Nas empresas, o que é mais vantajoso: investir em produção limpa para eliminar os impactos ambientais ou arcar com os custos de gerenciar resíduos e passivos? Aumentar a eficiência energética e utilizar mais energia limpa ou pagar cada vez mais na conta de energia? A melhor decisão ambiental é a melhor decisão econômica. Quem compreender que estamos na nova economia da natureza obterá lucro, onde antes só se via prejuízo.

Quem colocar em prática as novas regras obterá lucro onde antes só se via prejuízo

\* Mestre em saneamento e ambiente (Unicamp) e diretor da Silva Porto Consultoria.